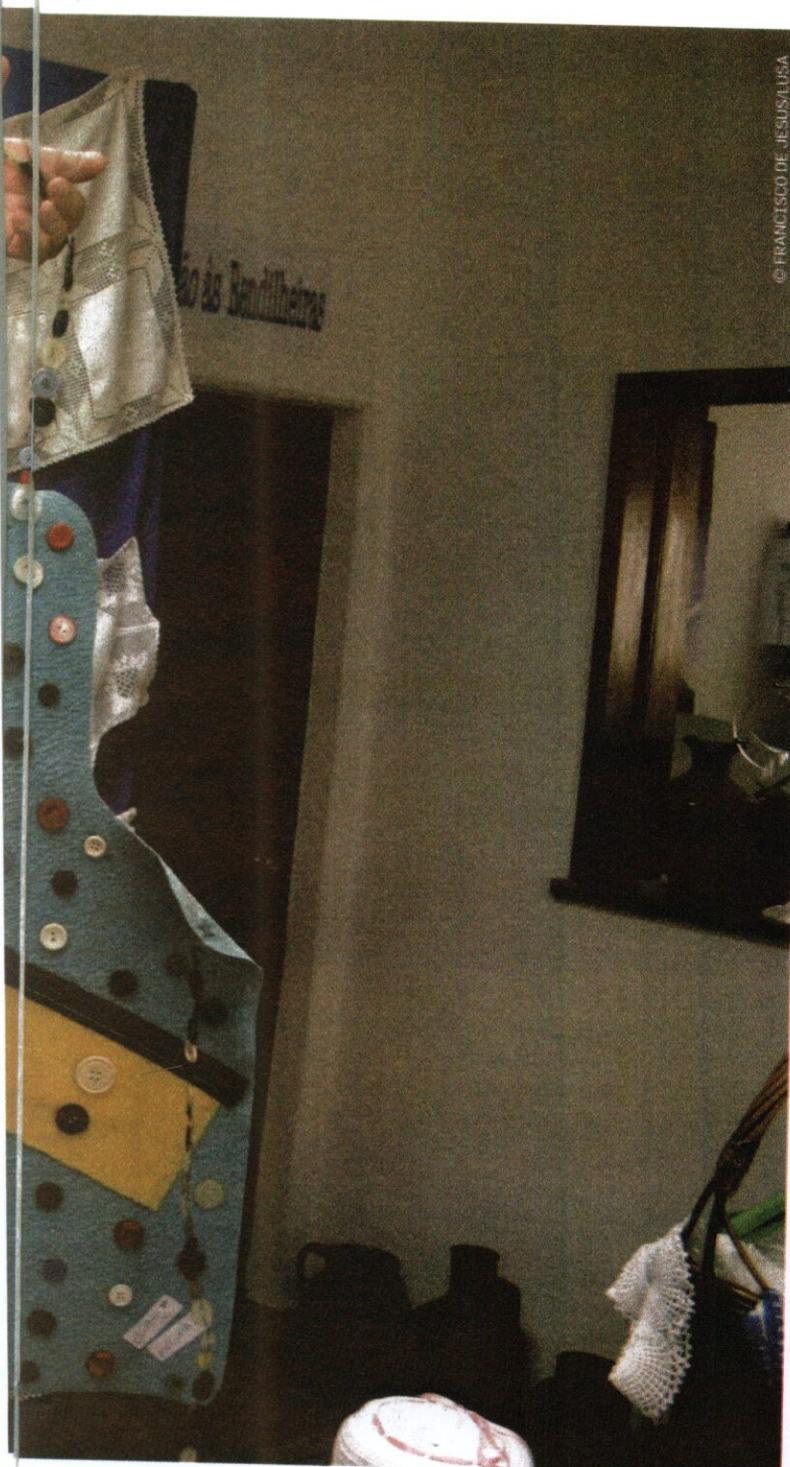




AS ASSIMETRIAS NA CIDADANIA AO LONGO DOS DIFERENTES CICLOS DE VIDA

Os Direitos e Deveres têm rugas?

Texto: **Bravo Nico**
(Prof. Auxiliar da Universidade de Évora)



“A existência de rugas no exercício dos nossos direitos de cidadania revela uma discriminação reprovável e é, quase sempre, uma evidência da pouca inteligência das sociedades que as promovem.”

Poderão os direitos e os deveres envelhecer, acompanhando o envelhecimento das pessoas que os devem exercer? Existirão direitos e deveres que se exerçam com maior intensidade, em certos períodos e ciclos vitais, enquanto, noutros momentos da existência pessoal de cada um, perderão importância? Os direitos e deveres dos jovens serão diferentes dos direitos e deveres dos adultos e dos idosos?

As questões anteriores, no plano teórico e conceptual, não deviam ter qualquer relevância nem colocar qualquer dilema. No entanto, no *chão* das diferentes realidades que é a vida que todos vivemos, sabemos que são verdadeiras questões que ganham mais ou menos actualidade, de acordo com a circunstância social, histórica, económica e cultural em que colocarmos as anteriores questões. Proponho-vos aqui duas ou três pequenas reflexões, a propósito de outros tantos direitos e deveres.

Educação

O Direito à Educação é talvez o direito onde mais se notam as tais rugas a que me refiro no título deste pequeno texto. Na realidade, ao longo da vida das pessoas, verificamos que a quantidade e a qualidade com que este direito é exercido vão variando: frágil e com intermitências, até ao ingresso no 1º Ciclo do Ensino Básico; universal e com qualidade heterogénea, ao longo da escolaridade obrigatória (actualmente de 12 anos), frágil e com progressiva desresponsabilização do Estado, a partir do final do ensino secundário; praticamente inexistente, quando as pessoas se podem considerar idosas.

Trabalho

O Direito e o Dever ao Trabalho são um outro exemplo de evidente assimetria, no que respeita à relação entre o exercício dessas dimensões da cidadania e a cronologia vital. De facto, actualmente, verifica-se uma evidente fragilidade na concretização destas dimensões, em dois momentos críticos da vida de cada pessoa: na juventude e no ciclo terminal da vida activa. É aqui que o desemprego exhibe a sua maior taxa e nível de persistência. Por outro lado, se pensarmos no contributo produtivo que os idosos aqui poderiam proporcionar às suas comunidades e respectivas instituições e aproveitando-se a sua disponibilidade, experiência e sapiência e verificamos que existe um vazio absoluto. Desaproveitamos todo esse potencial e toda essa energia devidamente enriquecida com os sedimentos valiosos da experiência e da sapiência.

Participação Política

O Direito e o Dever à Participação Política são outra das mais estruturantes dimensões do exercício da cidadania. Também aqui convém parar e pensar um pouco, quando se avalia a relação entre a quantidade e qualidade deste exercício e a idade de quem o exerce. A importância que certas sociedades mais tradicionais conferem aos *‘velhos’* ou anciãos é muito diferente daquela que as nossas sociedades, mais ocidentalizadas e *‘modernas’* lhes atribuem. Todo o conhecimento e experiência que as pessoas idosas possuem e só possíveis de serem construídos em vidas longas e preenchidas de realidade concreta e são um património valioso que nós, hoje, não só não aproveitamos, como desvalorizamos. Desta forma, começamos, vezes de mais, da chamada *tábua rasa*, quando poderíamos e deveríamos começar da coordenada mais inteligente e sensata que os mais velhos e experientes nos poderiam proporcionar.

Outros exemplos o leitor poderá encontrar e neles deverá reflectir. Em todos eles, encontrará estas ou outras *rugos*.